

Perfil brasileiro

OS RESULTADOS da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), a mais importante pesquisa anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cuja coleta de dados fez-se através de entrevistas realizadas, ano passado, com 408.148 pessoas, mostram avanços significativos, refletindo desafios que persistem na esfera econômica e social e projetam, a um só tempo, melhorias na qualidade de vida da população, ainda que se reconheça remanescerem carências e desigualdades cuja supressão se requer, em nome do maior equilíbrio do processo de desenvolvimento.

TORNAM-SE ESSES resultados, por isso mesmo, uma amostragem de singular relevância, cuja importância não pode ser obscurecida, fornecendo, isto sim, subsídios valiosos para a avaliação das políticas públicas e aperfeiçoamento dos programas em diferentes esferas da ação governamental.

NA VISÃO do presidente do IBGE, Eduardo Nunes, "a PNAD 2005 mostrou que os indicadores econômicos e sociais evoluíram de forma favorável". Para comprovar isso, lem-

bra que "a renda real cresceu, aumentou o grau de formalização, e o nível de ocupação das mulheres é o maior desde 1992, além de ter caído a taxa de analfabetismo, registrando-se ainda uma pequena queda do Índice de Gini, o qual mede a desigualdade de renda".

VERIFICA-SE, pelos resultados da mencionada pesquisa, que após nove anos o salário médio do trabalhador brasileiro cresceu para R\$ 805 (4,6%), ainda que tal aumento, constituindo-se embora, como se constitui, um sinal positivo, não tenha sido suficiente para compensar as perdas acumuladas, a ponto de os ganhos médios do trabalho serem ainda, ano passado, 15,1% inferiores aos verificados em 1996.

OS 2,5 MILHÕES de trabalhadores ocupados que a Pnad 2005 contabilizou, numa alta de 2,9% na ocupação, não foram suficientes também para baixar a taxa de desemprego, que subiu de 8,9% em 2004 para 9,3%. Acresce que uma parcela importante dos novos ocupados veio pela inserção sem rendimento, os chamados trabalhadores para o próprio consumo, que já re-

presentam 20% do total, ou cerca de 500 mil pessoas.

DE ACORDO com os dados calculados pelo Centro de Políticas sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a partir dos microdados da Pnad, a renda domiciliar per capita (que inclui as pessoas que não têm renda) cresceu 6,6% em 2005, contra uma expansão de 3,1% em 2004, ressaltando, a propósito, o chefe do referido centro, economista Marcelo Né-ri: "O rendimento do trabalho cresceu 4,6%, considerando-se que muita gente que não tinha nenhum passo-ou a tê-lo com os programas de transferência de renda, mas de qualquer modo o crescimento do trabalho foi muito forte".

CONSTATA-SE, ADEMAIS, de acordo com esses resultados, que o Brasil continua vencendo algumas batalhas educacionais importantes, como a universalização do ensino de sete a 14 anos e o aumento da escolarização de cinco e seis anos, embora haja certa estagnação no acesso de jovens à escola e a redução do analfabetismo venha ocorrendo em ritmo mais lento.

POR OUTRO LADO, as modifi-

cações da estrutura etária da população prosseguiram em 2005, como decorrência da redução da taxa de fecundidade e da queda da mortalidade. O Pnad mostrou, a esse respeito, que o percentual de pessoas com menos de 25 anos de idade, no total da população residente, passou de 58,2% em 1981 para 45,3% em 2005. O maior recuo ocorreu no grupo de zero a quatro anos, que passou de 13,4% para 7,9% no período. Enquanto isso, o grupo de idosos de 60 anos ou mais continuou aumentando, gradativamente, a sua participação no conjunto da população, passando de 6,4% em 1981 para 7,9% em 1992, 9% em 2001 e 9,9% em 2005.

NO CONTEXTO das mudanças, aferidas sob diferentes aspectos, em diversos setores e a vários níveis, afloram os desafios de um país colocado diante do desafio de ajustar, de forma equilibrada, os ritmos de desenvolvimento econômico e social, para que guardem maior compatibilidade um com o outro, adquiram efetiva sustentabilidade e influam, verdadeiramente, na elevação das condições de vida da população.